

EXTRA-CLASSE

É possível educar a distância?

Os tempos são outros e isso se aplica também à educação, em especial, ao ensino superior. O ensino tradicional dentro de uma sala de aula com alunos e professor não está com os dias contados, e nem há uma tendência para isso, mas novas modalidades de ensino estão sendo utilizadas na busca da expansão do conhecimento. Exemplo disso é o curso realizado pela UFSM de Educação a Distância (EAD). Essa prática de ensino já vem sendo usada em outras instituições, mas a UFSM é novata neste segmento, pois as aulas iniciaram em agosto passado.

A professora do curso de Educação Especial, que leciona através do computador, Eliana da Costa Pereira, explica que antes de ser uma tendência em ensino, o curso a distância se configura como uma necessidade pela inserção dos alunos aos meios tecnológicos e a abertura de vagas na universidade. “Esse curso abriu 120 vagas para alunos que não teriam condições de se deslocar da região deles para Santa Maria”, destaca.

As aulas são ministradas diariamente, das 18h às 22h através de uma plataforma na internet. No início do semestre, os alunos recebem um caderno didático com o conteúdo das disciplinas e as sugestões de atividades. A partir disso, os professores disponibilizam na plataforma o que desejam dos acadêmicos. “Toda disciplina tem uma agenda: os alunos vão à agenda, olham o que tem que ser feito e aonde deve ser postado”, conta Eliana.

As atividades estão sendo desenvolvidas em três pólos: Bagé, Santana do Livramento e Uruguaiana. Cada um desses pólos possui dois tutores, que são responsáveis pela interação entre professores e alunos. Ao tutor cabe organizar grupos para bate-papos, fóruns e discussões. As avaliações são feitas de acordo com o programa de cada docente, contudo, no final do semestre haverá uma avaliação presencial em que o professor irá até o aluno.

QUALIDADE - Há quem questione a qualidade dos cursos à distância, porém, Eliana garante que na UFSM o trabalho é levado a sério. “Eu também era bastante duvidosa quanto à qualidade que poderia ter um ensino nesses moldes, mas, desde que comecei a trabalhar, percebi que tudo pode ser feito com muita qualidade e exigência”.

As dificuldades existem e estão concentradas nas raízes do ensino presencial. A educadora reconhece que em determinadas situações sente falta da interação com os alunos. “Me questiono muitas vezes como explicar certo conteúdo através do computador, mas quando as pessoas acreditam que aquele trabalho vai dar certo, ele dá certo”.

Os próprios alunos ainda conservam a didática da educação formal. Cada pólo montou um laboratório para disponibilizar computadores aos acadêmicos que não possuem o equipamento em casa e, o que se verifica, é que muitos que têm o aparelho se deslocam até o laboratório. “No início do semestre eles iam para os pólos para ler as apostilas”, reforça a professora.



FOTO: ANA PAULA NOGUEIRA

Eliana reforça importância do papel do professor frente ao aluno

“O computador não substituirá o professor”

O computador como ferramenta para a educação é uma realidade impossível de ser revertida, até porque esta máquina facilitou as pesquisas, a comunicação e a elaboração de trabalhos. No entanto, falar em substituição do professor por esse equipamento talvez seja exagero. “Li alguns livros que falam na criação de universidades virtuais, mas não acredito nisso. O que tem que ficar claro é que jamais o computador vai substituir o papel do professor”, ressalta Eliana.

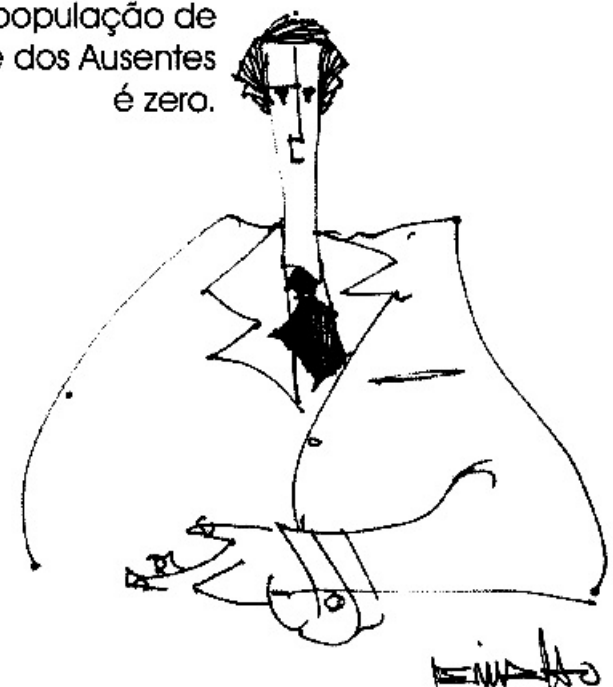
Mesmo com a consciência de que o modelo de educação formal está ultrapassado, a professora acredita que esse padrão está tentando se atualizar. “A existência de computadores nas escolas é uma prova de que está se buscando democratizar este espaço”.

Nessa problemática, a indagação é: qual seria a metodologia ideal de ensino? Eliana acredita que aquela que possibilita aos alunos criarem. A palavra é construção e não repasse do conhecimento. “Temos que possibilitar que os alunos construam o seu conhecimento, que consigam compreender o que está sendo discutido”, afirma.

A metodologia de projetos que não fica presa à grade curricular e parte das necessidades do aluno, daquilo que ele está interessado em saber, é apontada como a ideal pela educadora. “É preciso pensar como eu vou utilizar o futebol para ensinar o português ou a matemática, elaborar em cima de um tema gerador um projeto com os objetivos para a tua disciplina”.

REINALDO PEDROSO

- A população de São José dos Ausentes é zero.



Premiação

Um estágio na Associação Colibri com alunos em dificuldade de aprendizagem durante a graduação incentivou Eliana a montar projetos usando a informática como ferramenta de inclusão educacional. Esse tema também a inspirou para a sua dissertação de mestrado. Mais tarde, o conjunto dessa obra mereceu o prêmio Fundação Bunge de Ciência, na modalidade Juventude – área de Educação Básica, considerado a maior premiação da ciência e tecnologia nacional.

Quando realizou seu estágio curricular, Eliana percebeu a motivação dos alunos para trabalhar com o computador, o que a fez pesquisar sobre o assunto e querer descobrir como o computador podia fazer o processo de inclusão. “A Colibri me proporcionou os questionamentos iniciais, mas realizei os projetos em escolas estaduais aqui da cidade”, lembra.

Para concorrer ao prêmio é necessário que a instituição de ensino superior encaminhe os acadêmicos que julgue terem trabalhos consistentes. As áreas premiadas são: agricultura, educação, física e romance. Conforme a professora, os critérios de avaliação englobam a dissertação, o currículo e as publicações do candidato. Além de um diploma de reconhecimento público e uma medalha de prata, Eliana recebeu uma quantia em dinheiro que pretende investir no seu doutorado. Foi a primeira vez que a UFSM recebeu esse prêmio.